



ALINE SANTOS DE OLIVEIRA

**TEORIA CRÍTICA E INDÚSTRIA CULTURAL: UM CAPÍTULO SOBRE A MÚSICA
NO JORNALISMO CULTURAL DA FOLHA DE SÃO PAULO**

BRASÍLIA

2012

ALINE SANTOS DE OLIVEIRA

**TEORIA CRÍTICA E INDÚSTRIA CULTURAL: UM CAPÍTULO SOBRE A MÚSICA
NO JORNALISMO CULTURAL DA FOLHA DE SÃO PAULO**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado como requisito para a conclusão do curso de graduação em Jornalismo do Centro Universitário de Brasília – Uniceub.

Orientadora: Professora **URSULA BETINA DIESEL**.

BRASÍLIA

2012

ALINE SANTOS DE OLIVEIRA

**TEORIA CRÍTICA E INDÚSTRIA CULTURAL: UM CAPÍTULO SOBRE A MÚSICA
NO JORNALISMO CULTURAL DA FOLHA DE SÃO PAULO**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado como requisito para a conclusão do curso de graduação em Jornalismo do Centro Universitário de Brasília – Uniceub.

Brasília, 14 de Junho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Professora Mestre Ursula Betina Diesel
Orientadora

Professor Mestre Ademir Gaspar dos Reis
Examinador

Professor Mestre André Luis César Ramos
Examinador

RESUMO

No Brasil, o jornalismo musical tem conhecido nas últimas décadas uma rotina condicionada por temas no mais das vezes alheios às obras de arte que procuram retratar. Este trabalho se dedica a reconhecer, a partir dos trabalhos sobre teoria estética da Escola de Frankfurt em seus autores Adorno, Horkheimer, Marcuse, Benjamin e Habermas, o papel da indústria cultural sobre a reprodução da arte no mercado editorial de jornais grande circulação no país. A análise de matérias presentes no caderno Ilustrada da Folha de São Paulo, nos meses de janeiro e fevereiro de 2012, presta-se a ilustrar o quadro geral das redações centradas sobre o tema música. Tão importante quanto a prática sensacionalista das matérias que proporcionam assuntos que vendem tiragens, deveria ser o conteúdo voltado para a composição e a estrutura da obra dos artistas. As respostas representam uma tentativa de trazer a crítica dos trabalhos dos pensadores marxistas para um setor de comunicação social com relevância de assuntos para o grande público.

Palavras-chave. Jornalismo cultural, música, Escola de Frankfurt, Teoria Crítica, Folha de São Paulo.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	6
2.TEORIA ESTÉTICA E COMUNICAÇÃO NA ESCOLA DE FRANKFURT	8
2.1 A Razão como via da emancipação.....	8
2.2 O conflito de racionalidades.....	9
2.3 A crítica da sociedade.....	10
2.4 A indústria cultural e a teoria estética.....	11
2.5 Esfera pública e ação comunicativa.....	14
3.BREVE HISTÓRIA DO JORNALISMO NO BRASIL	16
3.1 A era do jornalismo digital.....	21
4.ANÁLISE DAS MATÉRIAS DA FOLHA ILUSTRADA	24
4.1 Análise.....	27
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
ANEXOS	39
ANEXO A – “Não saberia viver sem música”.....	39
ANEXO B – “Paul McCartney critica músicos que fazem playback”.....	41
ANEXO C – “Snoop Dogg é preso por posse de maconha”.....	42
ANEXO D – “Discos mais esperados do ano têm grifes veteranas”.....	43
ANEXO E – “Carlinhos Brown grava música com Zezé di Camargo”.....	45
ANEXO F – “Cantora Etta James morre aos 73 anos”.....	46
ANEXO G – “Rita Lee anuncia que não fará mais shows”.....	48
ANEXO H – “Madonna lança primeira música do disco “MDNA”.....	49
ANEXO I – “Descontração e reencontros marcam tradicional almoço pré-Oscar”....	50
ANEXO J – “Green Day começa a gravar novo álbum”.....	52
ANEXO K – “Laerte vai ao 'Roda Viva' para debater transgeneridade”.....	53
ANEXO L – “Tony Tornado resgata soul music brasileira em Recife”.....	56
ANEXO M – “Teló abre turnê européia com músicas de Adele e Roberto Carlos”..	57
ANEXO N – “Michel Teló faz show de quase duas horas em Londres”.....	59
ANEXO O – “Morrissey se diz triste por não ter gravadora”.....	61

1. INTRODUÇÃO

O esforço empreendido neste trabalho ocupa-se da análise do jornalismo musical, especificamente do caderno Ilustrada da Folha de São Paulo, à luz do pensamento da Escola de Frankfurt. O objetivo geral consiste em pontuar a capacidade preditiva dos trabalhos de teoria estética da Escola de Frankfurt sobre o produto das redações sobre a música. A correlação entre aspectos da teoria crítica ligados à reproduzibilidade técnica de bens culturais e a visão atual dos meios responsáveis por suas críticas e fomentos, procura fornecer um panorama das normas e valores cristalizados nestes veículos de comunicação, não para colaborar com o propósito de uma simples contestação, mas no interesse de uma melhor argumentação sobre o tema. Considerando a justificativa deste trabalho, a observação sobre o lugar de discussão dos temas acima descritos na grande mídia, ao invés de simplesmente enfatizar a origem de certas práticas comuns ao sensacionalismo do mercado editorial, pode dar foco às razões pelas quais tais práticas são continuamente repetidas.

O capítulo 1 apresenta uma pesquisa de natureza majoritariamente bibliográfica, levando em consideração textos sobre estética e indústria cultural de Horkheimer, Adorno, Marcuse, Benjamin e Habermas. A partir desses trabalhos procura-se delimitar que tipo de crítica é teorizada sobre os temas em questão, quais são os marcos metodológicos que nortearam suas versões sobre a arte na modernidade e em que extensão é possível encontrá-las nos horizontes do jornalismo musical dos dias de hoje. Questões sobre o fetichismo da música enquanto mercadoria da indústria cultural, o emudecimento das massas pela extinção da consciência crítica, bem como a forma como são vinculadas tais questões ao conceito de racionalidade técnica servem de matéria para a tentativa de elucidação do problema objeto da monografia.

O capítulo 2 trata de uma breve história do jornalismo cultural no Brasil. Suas origens em meados do século XIX, seus principais atores e veículos de comunicação de massa a partir do século passado, considerados com vistas a

fornecer um pano de fundo para o tema em questão. O webjornalismo é abordado em sua história recente, delimitando-se as propriedades que distinguem sua redação da forma como é realizado o jornalismo no meio impresso.

O capítulo 3 é composto da análise de 15 matérias do caderno cultural *Ilustrada* da Folha de São Paulo, em suas edições de janeiro e fevereiro de 2012. As matérias foram julgadas de acordo com os gêneros opinativo ou noticioso, a relevância (quente/fria) e sua reprodutibilidade de meios.

Ao final, foi estabelecida uma correlação entre a atualidade do pensamento de Frankfurt e a importância sobre a reflexão destinada a buscar meios de retratar a música para além da expressão comum e viciada do mero gosto dos críticos, jornalistas e linhas editoriais do jornalismo musical nos grandes meios de comunicação de massa.

Portanto, o percurso metodológico partiu de uma revisão bibliográfica realizada anteriormente às demais etapas do trabalho, tanto em bibliotecas quanto em acervos de particulares. Considerando suas fases e fontes e informação, esta pesquisa divide-se em bibliográfica, exploratória e analítica. Finalmente, os trabalhos de coleta de dados compuseram um estudo de casos particulares acerca das matérias veiculadas no caderno *Ilustrada* da Folha de São Paulo, necessárias à construção dos argumentos em torno do assunto escolhido. Esta opção composta de uma pequena amostragem foi feita para que fosse possível extrair conclusões aplicáveis à dimensão deste trabalho acadêmico.

2. TEORIA ESTÉTICA E COMUNICAÇÃO NA ESCOLA DE FRANKFURT

2.1 A Razão como via da emancipação

O tema central de grande parte das obras dos autores frankfurtianos gira em torno da razão iluminista como via emancipatória do homem rumo à sua autonomia e verdadeira identidade, em um movimento de claro combate aos processos de racionalidade social do capitalismo que acabam por se realizar na instrumentalização e na repressão humana. O Iluminismo tinha o propósito de “desencantamento do mundo”, fundado na luta contra a estrutura mítica do saber ao passo em que fortalecia arranjos epistemológicos ditados pela força dialética do pensamento. Mas o saber produzido pelo Iluminismo não conduziu a mente à emancipação e sim à técnica e à ciência moderna – ambas fomentadas pela mesma relação opressiva de dominação.

Se Horkheimer e Adorno postulavam que a razão do *Esclarecimento* (*Aufklärung*) permitiria emancipar os homens da mera intervenção técnica de dominação da natureza, faz-se necessário pontuar que esse projeto perdeu grande parte de seus propósitos fundadores. A razão que hoje se interpõe na ciência e na técnica é uma razão instrumental, cujo caráter de alienação foi amplamente denunciado por Horkheimer em sua obra *A Dialética do Esclarecimento*. Essa razão, da qual tanto ansiavam os marxistas alemães, tinha sido parte inaugural da razão iluminista, porém acabou por se autonomizar na base de produção capitalista, voltando-se inclusive contra as suas tendências de libertação do espírito humano.

Assim sendo, a razão converte-se, na leitura de Horkheimer e Adorno, em uma razão alienada que se desviou do seu objetivo emancipatório original, transformando-se em seu contrário: a razão instrumental, o controle da natureza e a dominação irrestrita dos homens.

2.2 O conflito de racionalidades

Em seu artigo "*Teoria Tradicional e Teoria Crítica*", Horkheimer abre uma discussão polêmica: a ciência e a filosofia moderna não podem contentar-se hoje com uma discussão sobre juízos de fato e de valor, elas têm que recorrer aos juízos existenciais. Assim escreve o autor:

O futuro da humanidade depende da existência do comportamento crítico que abriga em si elementos da teoria tradicional e dessa cultura que tende a desaparecer. Uma ciência que em sua autonomia imaginária se satisfaz em considerar a práxis – à qual serve e na qual está inserida – como o seu Além, e se contenta com a separação entre pensamento e ação, já renunciou à humanidade. Determinar o conteúdo e a finalidade de suas próprias realizações, e não apenas nas partes isoladas, mas em sua totalidade, é a característica marcante da atividade intelectual. Sua própria condição a leva à transformação histórica. Por detrás da proclamação de 'espírito social' e 'comunidade nacional' se aprofunda, dia a dia, a oposição entre indivíduo e sociedade. A autodeterminação da ciência se torna cada vez mais abstrata. O conformismo do pensamento, a insistência em que isto constitua uma atividade fixa, um reino à parte dentro da totalidade social, faz com que o pensamento abandone a sua própria essência. (HORKHEIMER, 2003, p. 270-271)

Teoria e filosofia são para Horkheimer inseparáveis no intuito de construir uma reflexão com base em juízos existenciais comprometidos com a autonomia do homem no mundo, ao passo em que desnuda o conflito existente entre o *positivismo* e a *dialética*. A estrutura ideológica da teoria crítica procura elucidar a ordem dos fenômenos históricos na qual estão inscritos os homens e suas variadas formas de organização social. E ao tratar da sociedade burguesa contemporânea admite as concepções marxistas da economia baseada na troca: os conceitos de "mercadoria", "valor", "dinheiro", "acumulação" permitem assimilar o estado dos fatos históricos observados.

A teoria crítica começa, pois, com uma idéia relativamente geral da troca simples de mercadorias, representada por conceitos relativamente gerais. Pressupondo todo o conhecimento disponível e assimilando todo o material resultante de pesquisas próprias e alheias, procura mostrar como a economia de troca nas condições atualmente dadas (...) conduz necessariamente ao agravamento das

contradições na sociedade, o que em nossa época histórica atual leva a guerras e revoluções (HORKHEIMER, 2003, p. 256)

Em um momento tardio de sua filosofia, Horkheimer reavalia sua intenção crítica inaugural, mostrando um equívoco crucial da teoria marxista: a esperança de Marx de que a justiça poderia se realizar simultaneamente com a liberdade revelou-se fantasiosa. O capitalismo conseguiu provar historicamente que a criação de riquezas em longo prazo pode assegurar um grau de justiça maior, reduzindo as desigualdades materiais entre os homens, mas ao preço da sistemática redução da liberdade. A reprodutibilidade técnica ampliada fomentou o surgimento da burocratização e da ideologização da vida, tornando-a administrável em todos os seus aspectos. A tão clamada justiça que conduziu a uma homogeneização dos espíritos foi então adquirida às custas da liberdade de cada ser humano. Para o filósofo alemão, as consequências morais são irremediavelmente danosas, na medida em que a atrofia da capacidade crítica dá-se na mesma proporção da ampliada justiça material e na perseguição do bem-estar coletivo.

2.3 A crítica da sociedade

A crítica é o elemento constitutivo mais marcante do método e do objetivo político dos frankfurtianos. Ela consiste no esforço permanente de evitar as falsas sínteses, de negar qualquer versão definitiva para a consecução de soluções de problemas sociais, de renunciar ao quadro sistêmico e homogeneizador da sociedade. A dialética como método central do conhecimento para uma teoria crítica da sociedade não possui nenhuma ordem específica, não trabalha em consonância com rígidos cânones ou tampouco produz saberes que nos levem ao diagnóstico preciso e inabalável da realidade. Por esse motivo, ela é um movimento permanente do intelecto na busca de um quociente reprimido do passado humano que ainda não se concretizou no presente, sendo transferidos seu significado e realização para um momento histórico onde as forças que o anularam já não estejam mais atuantes. Essa é a característica emancipatória da crítica.

2.4 A Indústria Cultural e a Teoria Estética

A teoria crítica da Escola de Frankfurt tornou-se célebre pelos seus severos ataques à “cultura de massa” a partir do conceito denominado “indústria cultural”, divulgado por Adorno e Horkheimer em *A Dialética do Esclarecimento*. O termo é hoje parte integrante do conceitual das ciências sociais e da comunicação, onde tem encontrado ampla aplicação no entendimento de certas práticas da sociedade moderna. O tema da cultura aflora no início dos trabalhos do grupo alemão e acompanha a reflexão dos seus maiores expoentes, até a sua morte. Adorno publica em 1932 um importante artigo sobre a música (“*Sobre a situação social da música*”) no qual reconhece que a música é um produto específico das relações de produção capitalista, mas ressalta também o seu caráter contestatário, enquanto crítica dessas mesmas relações. Benjamin, por sua vez, lança o artigo “*Obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*” (1935), em 1937 o conhecido ensaio de Marcuse sobre o “*Caráter afirmativo da cultura*”, e de 1941 o ensaísmo de Horkheimer sobre a “*Arte e a cultura de massa*”, onde aparece o termo “indústria cultural” em sua primeira vez. (Freitag,1990)

Ao tratarem do tema da cultura, Marcuse, Adorno e Horkheimer lembram a distinção entre “cultura” e “civilização”, entre mundo das idéias e dos signos de elevada cultura e o mundo da reprodução material. Em 1937, a partir do artigo “*Caráter afirmativo da Cultura*”, Marcuse denuncia o momento histórico em que essa separação foi claramente atingida. Na ótica do autor, havia o reino da necessidade na esfera do trabalho, abstando os homens de um mundo cultural que prometia o alcance da felicidade e da realização. A grande massa de homens encontrava-se excluída não só do usufruto de bens materiais como do acesso ao consumo dos “bens culturais” (música, escultura, pintura, dentre outras manifestações). Isso permitiu a essa sociedade consolidar a exploração e a alienação sofridas na base material de produção e nos largos tentáculos de um Estado burocrático que reafirma esses valores. Em um pólo oposto, a sociedade também acena, pela via da realização plena de seus bens culturais, para a humanidade e a liberdade. Tais valores são temas centrais de obras de arte, porém Marcuse acredita que o feito

artístico alienado e fruto da exploração assume uma função opressora, pois fornece à mente humana unicamente a adequação e o ajuste às formas racionais de organização da sociedade. Os bens da cultura acessíveis apenas ao primado burguês deixam de ser objetos de luxo para se transformarem em bens de consumo de massa. A reprodução em série da obra de arte viabilizada pela revolução da técnica industrial e da racionalidade produtiva dissolve a obra artística em algo suprimido de seu sentido original. Os efeitos daquela reconciliação entre civilização e cultura tornam-se ilusórios, e a cultura passa a ser meramente um valor de troca.

A "indústria cultural" é senão a geração de bens de cultura perpetrada pela racionalidade produtiva do mercado e por este consumida. Quando todas as relações sociais são mediadas pelo caráter meramente reprodutivo da mercadoria, também o são as expressões que prometiam em seu primeiro sentido escapar ao jugo opressor desse mesmo caráter, como a obra de arte, a estética e a moral. A criatividade é expurgada, dando lugar ao emudecimento das almas.

O ensaio de Benjamin "*A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*" (1935), procura avaliar a criação artística pelo seu "valor de culto" e "valor de exposição". Quando ocorre a dessacralização do mundo, o valor de exposição aumenta, sem contudo desaparecer o valor cultural presente na aura da obra. A aura é senão o invólucro que proclama o culto ao belo. A obra de arte vai apenas aumentando seu alcance aos olhos do espectador. Para Benjamin, a transição do feudalismo para a ordem burguesa secularizou a arte mantendo intacta a sua aura. A "perda da aura" dá-se precisamente quando é reificada a lógica instrumental de consumo pela crescente apuração da técnica e pela reprodutibilidade técnica da obra de arte, que massifica o acesso às mercadorias. No entanto, a perda da aura não possui para Benjamin os mesmos efeitos nocivos à alma humana que Horkheimer, Adorno e Marcuse enxergavam na dissolução da obra artística: sua singularidade já não mais se intensifica pela sua prolongada exposição, mas o belo ali se preserva. A obra adquire um valor de consumo. Ao contrário do que afirmava

Adorno – para quem a música dodecafônica atonal¹ de Schönberg era a única manifestação com possibilidades de recriar o “sujeito constitutivo” dotado de consciência crítica na modernidade. Esse mecanismo amplia tão somente seu alcance, visão de Benjamin contra o pessimismo de quem não vislumbra a superação dos mecanismos instrumentais de consumo. A reprodutibilidade técnica assegura o consumo, mas também transforma a percepção e a leitura do consumidor, e por essa razão Benjamin não comunga da versão de Adorno no que respeita à massificação do consumo. Para este a reprodutibilidade da indústria cultural favorece o banalização e o desvirtuamento da obra, e ao largo destas a completa aniquilação do poder de negação da arte. Benjamin associa a esta a idéia já exposta de “desaturatização”.

Os pensadores de Frankfurt têm voz una ao atribuir à cultura e à obra de arte a dupla função de consolidar a ordem de reprodução material ao passo em que a denuncia como contraditória, sempre no enlevo de alcançar algo além da mera experiência mundana. Isso ocorre em face da cultura ser, na história, o depósito da paridade de oposição repressão-realização, opressão-emancipação. Conservadorismo e libertação encontram-se na obra de arte unidos em pesos distintos.

Por fim, ao comentar a estrutura do pensamento de seus professores, está Habermas de acordo com Benjamin. A crítica à Horkheimer pauta-se em seu limitado idealismo conservador, pois acredita que a realização da arte faz-se unicamente pela promessa da *eudaimonia*². Em Adorno, o conceito burguês de arte esmaga o reconhecimento de qualquer novo caráter e função da obra ocasionados por eventuais mudanças ocorridas na base material do “capitalismo tardio”, dentro do qual manifestações artísticas como o jazz, o cinema e o teatro não têm lugar. Habermas denuncia a limitação dessas versões ao tratá-las como pessimismo crítico e estéril.

¹ Sistema de organização de alturas musicais criada na década de 1920 pelo compositor austríaco Arnold Schoenberg.

² Felicidade

2.5 Esfera pública e ação comunicativa

Em sua "*Teoria da Ação Comunicativa*", Habermas empenha-se em criar um novo conceito de racionalidade comunicativa pela elaboração de um novo conceito de razão, distante da máscara instrumental que a modernidade nela imprimiu, e que também ultrapassasse a versão de Kant eleita por Horkheimer e Adorno. Com outras palavras, porém investido do mesmo espírito de seus predecessores, Habermas buscava uma razão subjetiva cuja autonomia fosse capaz de conhecer o mundo e de ampliar a esfera de atuação do homem em seu próprio destino. (Freitag, 1990)

A esfera pública em Habermas é entendida como uma parte da vida social onde cidadãos podem confrontar argumentos em questões relevantes ao bem comum, de forma que uma opinião pública possa ser constituída. Assim como na *ágora*³ grega, essa esfera pública toma corpo principalmente quando indivíduos se envolvem na discussão de conteúdos políticos. Tal ideia abarca a transformação da esfera pública liberal, enquanto foro crítico de debate de temas de relevância coletiva. Habermas acreditava na existência de uma conexão entre a forma como utilizamos argumentos para justificar nossas crenças e a forma como são delineadas nossas redes de interação social. O interesse primário habermasiano era legitimar a autoridade política por meio de um confronto racional que reproduzisse formas de consensos racionais de opinião. Esta esfera pode e deve existir em uma situação onde a comunicação racional é possível e a racionalidade discursiva de Habermas pressupõe a competência crítica de todos os atores envolvidos numa situação de fala, com vistas a atingir a verdade de um consenso com pretensões universais de validade. (Freitag, 1990)

Para a pontuação crítica de Habermas no que respeita à esfera pública liberal, a grande ficção ideológica atacada pela reforma protestante (ao contexto de Weber) consiste na redução da esfera pública a instituições democráticas já existentes. Nesse sentido, uma teoria da mídia em Habermas foi projetada para compreender o

³ Praças públicas na antiga Grécia onde eram discutidos temas de relevância social

aparecimento, em sociedades modernas, de subsistemas sociais diferenciados baseados em formas racionais como a troca, a lei e a administração. Estas mídias habilitam indivíduos a orientar seus comportamentos na consecução de sucesso individual a partir de uma *atitude instrumental* no mundo. Mas, ao mesmo tempo, a interação social guiada pela mídia pode figurar como alternativa capaz de coordenar comportamentos sociais através da *razão comunicativa*, com vistas a alcançar compreensões compartilhadas no curso de trocas mediadas pela língua. Em outras palavras, o alvo habermasiano situa-se na restituição do equilíbrio entre estes dois tipos de coordenação racional, ambos requeridos por uma sociedade moderna complexa – composta pelo eixo institucional *Estado burocrático racional, mercado capitalista e esfera pública* - e reforçados pelo *ethos* protestante. (Freitag, 1990)

3. BREVE HISTÓRIA DO JORNALISMO NO BRASIL

A História do jornalismo no Brasil iniciou-se na segunda metade do século XIX, quando a preocupação inicial centrava-se na tecnologia dos meios de difusão como a impressão de livros, jornais e revistas. As primeiras publicações eram tímidas, e as notícias do governo ocupavam grande parte das tiragens impressas. (PIZA, 2003).

O jornalismo cultural só ganhou espaço no final do século XIX. Os primeiros escritores em destaque foram Machado de Assis (1839 – 1908), e José Veríssimo (1857-1916), cada qual com foco e estilo diferentes. Machado era crítico teatral e literário, já Veríssimo fez sua carreira como crítico ensaísta e historiador de literatura. Cabe aqui deixar claro o papel do Jornalismo Cultural, para então adentrarmos no assunto Jornalismo Musical. (PIZA, 2003).

Foi também no final do século XIX que o jornalismo passou por um momento de renovação: o que antes era composto de um noticiário escasso e pobre passou a incluir em sua pauta um conjunto de articulações políticas e debates sobre livros e artes em geral. No começo do século seguinte, o jornalismo moderno passou a dar mais importância a reportagens que relatavam com maior rigor o estado dos fatos, primeiro movimento no sentido da profissionalização da atividade. (PIZA, 2003).

O jornalismo cultural deu início aos trabalhos de apuração como a reportagem e a entrevista, os jornais e revistas deram mais espaço ao crítico profissional e informativo ao passo em que também refletiam sobre todo o cenário literário e cultural do país. As revistas desempenharam um papel importante nesse processo de aprimoramento cultural, ao levar ensaios, resenhas, reportagens, críticas, perfis e publicações de contos e poemas ao conhecimento do grande público. (PIZA, 2003).

Um dos exemplos mais marcantes dessa transformação deu-se no começo dos anos 20, quando Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Victor Brecheret, entre outros nomes do teatro nacional, envidaram esforços para o lançamento da revista *Klaxon*, que fez parte do modernismo paulistano. Lima Barreto, autor de *As recordações do escrivão Isaías Caminha*, foi um dos mais famosos articuladores desse momento de transição histórica, e Mario de Andrade, também conhecido como o romancista de *Macunaíma*, teve várias de suas críticas publicadas nos anos 30 pelo então Diário de S. Paulo. (PIZA, 2003).

Em 1928, a revista *O Cruzeiro* marcou época ao imprimir valiosas contribuições à cultura brasileira. Inúmeras foram as publicações de José Lins de Rego, Marques Rebelo, alguns artigos de Vinicius de Moraes, Manuel Bandeira e ilustrações de Anita Malfatti, entre vários outros nomes. Nos anos 30 e 40 essa foi à revista mais conceituada do Brasil, fundada sobre uma promissora capacidade de interagir com os mais variados tipos de público. (PIZA, 2003).

Segundo o jornalista Daniel Piza, as crônicas se traduziam em uma maneira de atrair a atenção do jornalismo para a literatura e eram praticadas por nomes de peso como Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Otto Lara Resende, Ivan Lessa, entre outros. (PIZA, 2003).

Já na década de 50, algumas mudanças ocorreram nesse segmento profissional, impulsionadas pelo desenvolvimento tecnológico nos meios de comunicação em massa e pela indústria cultural. Foi estabelecido um novo padrão gráfico e editorial. Figuram entre os jornais que fizeram parte dessa modernização o *Jornal do Brasil*, *Última Hora* e *Diário Carioca*. (PIZA, 2003).

No início dos anos 60, outro diferencial histórico foi criado com o *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de S. Paulo*, que teve a direção de Décio de Almeida Prado, acabando por criar um novo modelo que futuramente seria seguido como prescrição editorial por outros jornais. Uma década depois, o sucesso veio à tona para o jornal *Opinião*, editado por Sergio Augusto e Paulo Francis. Com uma tiragem

equivalente à da revista *Veja*, o jornal contava com nomes como Otto Maria Carpeaux, Fernando Henrique Cardoso, Antônio Cândido e Darcy Ribeiro, e tinha como linha de frente a oposição ao golpe militar deflagrado anos antes de sua fundação em 1972. (PIZA, 2003).

Por outro lado, os dois principais jornais paulistas, *Folha de S. Paulo* e o *Estado de S. Paulo*, só vieram a criar seus cadernos de cultura em meados dos anos 80. Ambos estavam em sintonia com a efervescência cultural que a cidade havia conquistado e com todo o sentimento de abertura democrática do Brasil. A *Ilustrada*, famoso caderno de cultura do jornal *Folha de S. Paulo*, ganhou espaço e notoriedade em virtude da sua preferência pela polêmica, além de incluir em seu time de jornalistas críticos de peso como Ruy Castro e Sérgio Augusto. (PIZA, 2003).

A *Folha de S. Paulo* começou seus trabalhos em 1921, com o nome de *Folha da Noite*, por Olival Costa e Pedro Cunha, e *Folha da Manhã*, para a versão matutina. Na década de 60 surge a *Folha da Tarde*, e com seu rápido crescimento conseguiu alcançar preferência nacional e liderar a imprensa. A fusão dos três nomes veio a criar a *Folha de S. Paulo*. Ainda nos anos 70, o jornal começou a investir no sistema de fotocomposição. Em meados de 1985, publicou uma nova editoria, que possuía um jornalismo crítico, apartidário e moderno. Uma de suas curiosidades é que a *Folha de S. Paulo* foi o primeiro órgão da imprensa no Brasil a se posicionar a favor do *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello. (PIZA, 2003).

O destaque para os anos 90 foi a presença de novos temas nos jornais, como moda, gastronomia e design. Esses assuntos não faziam parte das conclamadas sete artes (literatura, teatro, pintura, escultura, música, arquitetura e o cinema). Contudo, as mudanças iniciadas em meados do século XX mostraram claramente seus reflexos nos meios de comunicação de massa hodiernos. Importante frisar que o papel do jornalismo resume-se, de uma forma geral, em editar, analisar e comentar tudo aquilo que se seleciona como tema de relevância – social, política, cultural ou simplesmente mercadológica para levar aos leitores, ouvintes ou

telespectadores, informando-os sobre os critérios de escolha do que é bom ou ruim e fornecer argumentos para suas opiniões. (PIZA, 2003).

Atualmente, o denominado jornalismo cultural não parece cumprir suas promessas inaugurais, ou sequer corresponder em vulto a qualquer etapa de sua história. A despeito da multiplicidade de sentidos que emprestam ao termo “cultura”, podemos tomar resumidamente sua versão antropológica assim descrita pelo professor da Universidade de Brasília, Roque de Barros Laraia, em sua obra de 1986 intitulada “*Cultura: um conceito antropológico*”. (PIZA, 2003).

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura (LARAIA, 1986, p.70).

Para o antropólogo, a cultura é um fato episódico e dinâmico, uma parcela da história da natureza onde homens integram e modificam instituições progressas, imprimindo novos sentidos à esfera da tradição. Se o jornalismo cultural de cem anos atrás – e em algum ponto no decorrer de sua trajetória até os dias de hoje - parecia se incumbir da análise e difusão de representativas obras de arte em suas mais variadas manifestações, o jornalismo atual conheceu um relativo afastamento dessa inclinação editorial. (PIZA, 2003).

Não parece existir um acontecimento que marque o início do jornalismo cultural. Daniel Piza ressalta em seu livro *Jornalismo Cultural*, que dois ensaístas ingleses, Richard Steele e Joseph Addison, fundaram a revista “*The Spectator*”, talvez a primeira a compor sua estrutura em uma pauta diversificada de assuntos. Essa revista trazia novidades sobre livros, óperas, costumes, festivais de música e teatro para o homem da época. Muitas vezes com sarcasmo, num tom de conversa espirituosa, ironizando a sociedade inglesa de seu século. (PIZA, 2003).

As revistas dos séculos passados tinham uma forma de abordagem cujo principal objetivo residia na informação de assuntos de interesse comum, ao passo

em que as da atualidade, além de trazerem informação, têm uma robusta rede de marketing como suporte. Desnecessário seria dissertar sobre a influência dos patrocínios financeiros nas linhas editoriais dos meios de comunicação, dado seu notório vulto. (PIZA, 2003).

O jornalismo cultural no Brasil pode ser visto como algo novo. Mas como relata Piza, não o é. Isso também ocorre com o jornalismo musical. A música e o jornalismo sempre estiveram próximos. Mário de Andrade, compositor e escritor, escreveu para vários jornais da época, e seus textos possuíam críticas de concertos e intérpretes, ensaios, artigos e livros sobre a produção musical do país e do mundo, impondo-se como importante contribuição para o campo musical. O músico também ficou bastante conhecido por suas composições de cunho popular. O modernista tinha uma visão muito crítica da música – não comungando, no entanto, daquilo que pensavam os frankfurtianos sobre as versões ligeiras da arte musical concluindo sempre rumo a uma visão positiva de algumas emanações da música popular. Ele acreditava que o verdadeiro samba era aquele que nascia no morro carioca, mas repudiava a maneira como essa música era utilizada de forma desvirtuada por propagandistas de plantão. (PIZA, 2003).

Os suplementos de cultura dos jornais parecem hoje ser vistos com menor importância do que outros encartes, e isso provavelmente por conta de estarem a cada dia mais superficiais: eles sobrevalorizam as celebridades e enchem o texto com perguntas de irrelevância ao foco. Os “bens culturais” movem-se em um palco superlotado de nomes com uma mensagem muito parecida e, no mais das vezes, descartável. (PIZA, 2003).

O diagnóstico dos críticos frankfurtianos será reforçado no próximo capítulo, com base na análise das matérias publicadas do caderno *Ilustrada da Folha de São Paulo*, no mês de janeiro e fevereiro de 2012. Os levantamentos e questionamentos feitos no livro “Jornalismo Cultural” de Daniel Piza parecem ser compatíveis com as colocações de Adorno, Walter Benjamim e Marcuse, discutidas no primeiro capítulo deste trabalho. (PIZA, 2003).

3.1 A era do jornalismo digital

O webjornalismo é mais recente do que a história da mídia que o comporta, com um hiato de pelo menos duas décadas entre a criação das primeiras redes de Internet nos Estados Unidos no fim dos anos 60 e a criação de portais de notícia no início dos anos 90. Por essa razão, serão demarcados no jornalismo online apenas alguns pontos em comum com a história geral do jornalismo, bem como o alcance de novas ferramentas utilizadas para a produção de notícias no meio eletrônico.

Felipe Sena, autor do livro *Teoria do Jornalismo*, define o jornalismo digital como “a disponibilização de informações jornalísticas em ambiente virtual, o ciberespaço, organizadas de forma hipertextual com potencial multimidiático e interativo.” (SENA, 2005, p. 176).

Essa recente história tem seus principais marcos fundados em meados de 1972 e 1973, quando foi inventado o e-mail e os bancos de dados começaram a ser usados no jornalismo. Quase um ano antes, Ted Hoff, engenheiro da Intel no Vale do Silício, havia inventado o microprocessador, tornando exponencial a escala das transformações nas redações desde então. De acordo com Rodrigo Lara Mesquita, jornalista que atua na área de tecnologias da informação, as mudanças que ocorreram com o surgimento da comunicação digital afetariam mais tarde a forma como a informação é processada e repassada ao grande público. Os serviços de mídia, que no início eram quase como um favor feito para os jornais, tornaram-se um serviço profissional. (PRADO, 2011).

No Brasil e no mundo, o sistema operacional *Windows*, o programa de mensagens instantâneas *MSN Messenger* e o navegador *Internet Explorer*, todos desenvolvidos pela Microsoft, começaram a tomar conta do mercado de microcomputadores domésticos e corporativos, e foi por volta de 1995 que o jornal Folha de S. Paulo colocou na web sua primeira página, chamada de “Folha Online”.

O Jornal do Brasil lança a primeira cobertura completa em 28 de maio de 1995. À época, era um dos jornais de maior prestígio e qualidade. A última versão impressa do *JB* foi em 31 de agosto de 2010, e depois disso contou apenas com sua versão digital. O UOL também lança em 1995 o “*Brasil – On-line*”, primeiro portal em tempo real. (PRADO, 2011).

O webjornalismo carrega características de todos os meios de comunicação: a TV, rádio e a mídia impressa. Mas o jornalismo on-line só ganhou verdadeiro impulso no Brasil no ano de 2000, com a revista *Veja* publicando notícias on-line e o provedor IG (Internet Group) tendo sucesso repentino ao criar o acesso gratuito. Nos Estados Unidos, a CBS transmite seu primeiro jornal noturno on-line e na TV, simultaneamente, em 2005. Em dezembro do mesmo ano a internet passa a ser a mídia mais consumida do mundo. (PRADO, 2011).

A verdade é que o jornalismo foi entrando lentamente na web e com o costumeiro olhar de desconfiança dos jornalistas às novas rotinas e formas de trabalho. A primeira idéia era transformar a versão impressa em digital. No início os jornais não tinham uma versão integral transposta, ou seja, veiculavam pela internet apenas o que era considerado principal, e também não atualizavam diariamente as informações. Outra característica inovadora da internet repousa nas modificações de conteúdo quando se trata da falta de espaço, ou seja, ela oferece um diferencial com relação ao espaço impresso. No meio tradicional, o texto seria reduzido ou ampliado de acordo com a natureza das matérias, já na web, os jornalistas têm maior liberdade no tratamento da informação, seja com aumento no volume de fotos ou de sua cobertura. Isso se dá ao fato do espaço eletrônico ofertar flexibilidade na alocação de temas tratados e trazer mais dados com um simples clicar em expressões como “veja aqui” ou “notícias relacionadas”, ao contrário das limitações físicas da mídia impressa. (PRADO, 2011).

A vantagem do jornalismo digital é o imediatismo na divulgação dos fatos, a facilidade do profissional da área em publicar matérias em tempo real. Um novo tipo de profissional surge com esse novo meio: o jornalista que escreve para jornal online

conhece aspectos antes restritos ao conhecimento dos profissionais da diagramação, como a tipografia da composição visual, o uso de cores, a edição de fotos, áudio e vídeo, dentre outros. A nova divisão do trabalho no jornalismo traz consigo novas características, como a interatividade, a personalização, a não-linearidade e a hipertextualidade entre os atores envolvidos na produção da informação.

Mas e as desvantagens? O jornalismo eletrônico é um meio rápido, onde jornalista muitas vezes não têm tempo de passar suas matérias aos redatores, privando-o por vezes de uma devida correção ortográfica. Muitos jornalistas e leitores acreditam que as características que facilitam a vida de quem escreve para a web potencializam o jornalismo, mas existem outros que profetizam a sua chegada como o fim do jornalismo de boa qualidade.

A escolha por analisar 15 matérias apresentadas no caderno cultural online justifica-se por ser este um jornal influente, por seu conceito e volume editorial, além de possuir um caderno de cultura bastante conhecido, será possível traçar um panorama, a partir de uma razoável amostragem, acerca das conseqüências da indústria cultural na reprodutibilidade dos veículos de comunicação, especialmente no que respeita à música.

4. ANÁLISE DAS MATÉRIAS

A terceira e última parte deste trabalho consiste em analisar matérias publicadas no Caderno *Ilustrada* da Folha de São Paulo, em sua edição *online*, como exemplo do fenômeno da indústria cultural, à luz dos apontamentos feitos pelos críticos da escola de Frankfurt e dos alertas do jornalista Daniel Piza.

O objetivo deste capítulo é exemplificar as advertências de supervalorização dos famosos consagrados pela mídia, com foco específico nas matérias sobre música. O texto também será objeto de análise, bem como a forma de reprodução dessas matérias pelos jornalistas de redação.

Segundo Sena, o texto jornalístico também está dividido entre dois gêneros: noticioso e opinativo. O gênero opinativo caracteriza-se por um texto breve ou, por vezes, mais literário. Claro na interpretação dos fatos, ele toma a forma de artigo, crítica, coluna e crônica. Ele é opinativo, mas bem fundamentado, não fere a ética e o rigor da escrita. Geralmente são assinados, mas o editorial não, porque representa a opinião do veículo. Já o texto noticioso pode ser classificado em reportagem, notícia, nota e entrevista. A estrutura do texto baseia-se nas famosas perguntas: Quem, o quê, quando, onde, como, porquê, para quê, as quais aparecem nos dois primeiros parágrafos da matéria. Em outras palavras, o gênero noticioso é uma narrativa com função referencial, representado pelo encadeamento de uma seqüência de elementos sintetizados por fato, tempo, lugar, causa, modo, personagem e consequência. (SENA, 2005).

De acordo com os dados da Associação Nacional de Jornais, no ano de 2010 existiam cerca de 652 jornais circulando diariamente no Brasil. Dentre eles, o jornal da Folha de S. Paulo circulava com um número de 286.398 exemplares por todo o país, estando atrás apenas do jornal *Super Notícia* de Minas Gerais.

As matérias do caderno *Ilustrada* online que serão objeto de análise encontram-se nas edições de janeiro e fevereiro de 2012, tendo sido escolhidas por

se adequarem à luz da matriz teórica abordada neste trabalho: a produção e a veiculação da arte na era da indústria cultural. Em sua maioria, discorrem sobre assuntos diversos como lançamento de cd's, novos singles, *grammys* e curiosidades da vida dos artistas.

Verificaremos se elas carregam as características em seu gênero e também os sete critérios de noticiabilidade, os quais os próprios editores jornalísticos descrevem como importantes: ser factual, despertar o interesse público, atingir o maior número de pessoas, coisas inusitadas, novidades, personagens e boas imagens. Em referência a essas características poderemos julgar se tais matérias possuem a devida qualidade no que respeita aos seus conteúdos. (SENA. 2005).

Além disso, serão considerados também aspectos que ressaltam indispensáveis e citados nas dez dicas que Piza aconselha ao jornalista cultural, quais sejam:

Mantenha ritmo no texto, amarrando uma informação na outra, para não perder a leitura. Agilidade é indispensável, sem prejuízo do teor informativo. Textos ralos ou que simplesmente empilham os dados são os mais tediosos. Examine a possibilidade de cortar a palavra. Seja criativo no texto e na edição. Manuais de redação são apenas para orientação e padronização. Nenhuma “objetividade jornalística” implica não usar metáforas, riqueza verbal, humor. Ou esquecer a importância da pontuação; o ponto-e-vírgula, por exemplo, parece ter desaparecido dos jornais e revistas. Nada mais desencorajador do que um título como “Novo livro de Lygia Fagundes chega hoje às livrarias”. (PIZA, 2003, p.87).

De acordo ainda com o jornalista, existem três males no atual jornalismo cultural.

O primeiro é o excessivo atrelamento à agenda – ao filme que estréia hoje, ao disco que será lançado no mês que vem etc. – e, com isso, um domínio muito grande dos nomes já bem-sucedidos, dos eventos de grande bilheteria previsível, das celebridades e das grifes. O segundo mal é o tamanho e a qualidade dos textos, especialmente desses que anunciam um lançamento, que pouco se diferenciam dos press-releases, salvo pelo acréscimo de uma declaração ou outra e/ou de alguns adjetivos, e que vêm diminuindo com o passar do tempo, sendo restritos às informações mais ralas. E o terceiro é a

marginalização da crítica, sempre secundária a esses “anúncios”, com poucas linhas e ponto de destaque visual, mais e mais baseada no achismo, no palpite, no comentário mal fundamentado mesmo quando há espaço para fundamentá-lo; há uma nostalgia, endossada pelas reedições de livros e coletâneas, dos grandes críticos do passado, de sua credibilidade autoral. (PIZA, 2003, p.62).

O jornalista que escreve para um caderno de cultura necessariamente precisa de recursos literários que consigam transparecer aos leitores suas opiniões diante das tantas faces da realidade. A equipe de redação carece de apurações impecáveis, nas quais o jornalista deve ter seu temperamento equilibrado, fazendo suas críticas com exigência e levando em conta que o caderno para qual se dedica não é menos significativo que os das outras seções. Por isso, deve abusar da crítica e da criatividade.

O portal de publicidade da Folha descreve seu caderno *Ilustrada* como o veículo de cobertura cultural sobre artes e espetáculos mais completo de sua categoria, contando com renomados colaboradores, articulistas e colunistas do jornalismo cultural do país. São jornalistas, intelectuais, produtores artísticos e outros profissionais a cargo das áreas de cultura, variedades e entretenimento, além de um roteiro da programação cultural da cidade de São Paulo. Com periodicidade diária e distribuição nacional, seu volume de exemplares é cerca de 15% maior nos finais de semana, passando da casa dos 290.000 nos dias úteis para 330.000 aos sábados e domingos.

As matérias veiculadas na edição online deste caderno possuem conteúdo restrito, chamando o leitor que eventualmente se interesse pela chamada para sua versão integral. Esse acesso se dá mediante assinatura do jornal, optando o cliente pela versão impressa ou digital. Uma das características das matérias é a presença de fotos, que por sua vez figurarão em escala secundária na análise proposta por este trabalho.

A estrutura subjacente ao trabalho analítico levará em consideração a tipificação das matérias no que respeita ao 1) seu gênero (opinativo/noticioso), 2) se

o jornalista trata sobre a obra ou sobre a vida do famoso em questão, 3) O uso excessivo de aspas 4) sua reprodutibilidade de meios. Este último tipo encontra-se intimamente ligado à crítica levantada pela Escola de Frankfurt acerca da reprodutibilidade técnica da obra de arte na indústria cultural, com a ressalva ao leitor de que a atenção dada aos autores alemães a esse aspecto reside unicamente na relação entre a produção material da obra artística e os meios de sua reprodução técnica em larga escala pela indústria moderna. Meu ponto de referência parte da visão dos marxistas alemães para além da estrutura produtiva dos bens culturais, levando em conta a teoria da mídia especializada sobre estes. Por reprodutibilidade dos meios refiro-me tão somente aos aspectos recursivos do jornalismo cultural que alimentam um costumeiro leque de elementos alheios à obra e que são necessários ao ciclo de produção da indústria cultural.

4.1 Análise

ANEXO A: Na matéria de gênero noticioso “Não saberia viver sem música”, (01/01/2012) o repórter discorre sobre o assunto expondo a paixão do músico sobre objeto que produz: “não saberia viver sem música”, não é um título atraente, ou ao menos diferente do que vemos em todos os cadernos de cultura. Frases como o “veterano sente que nasceu para ser artista”, ou dados como “vendeu mais de 300 milhões de disco” demonstram senão aspectos ligados ao mercado de sua obra. Informações de quando será lançado ou onde não foram informadas, e pelo contexto da matéria seria algo indispensável. Isso torna a matéria previsível e sem muitas ferramentas para despertar o interesse público.

ANEXO B: “Paul McCartney critica músicos que fazem playback”, (02/01/12) teve como objetivo expor a opinião do astro dos Beatles sobre músicos que fazem playback. Matéria de gênero noticiosa, porém sem muitos atrativos. Acrescentar frases ditas pelo músico como “Ficamos felizes que nenhum de nós tem nada a esconder no palco, o que eu sei que algumas pessoas fazem. Me desculpem, não direi nomes”, reforçam um ponto comum da abordagem típica do caderno, qual seja: o artista e sua opinião sobre o cenário musical são alvos maiores dos holofotes do

que suas próprias obras. Outro ponto é a foto no qual aparece Paul McCartney em seu casamento com Nancy Shevell. Ao ver a matéria, perguntamo-nos o que uma mulher vestida de noiva está fazendo na foto, já que a matéria traz uma crítica do músico em relação a algumas bandas.

ANEXO C: Já na matéria noticiosa “Snoop Dogg é preso por posse de maconha”, (09/01/2012) o autor trata de um assunto ligado a um dado biográfico do artista, de um acontecimento que nada tem a ver com a música ou a arte do cantor. Cita ainda como a droga foi encontrada e como foi o procedimento com a polícia, levantando dados de quantos dias ficará preso se for considerado culpado. Esse tipo de informação não precisaria ganhar espaço em um caderno de cultura.

ANEXO D: “Discos mais esperados do ano têm grifes veteranas”, (11/01/2012) conta com cinco parágrafos breves contendo informações sobre o lançamento de 12 artistas na indústria fonográfica nacional e internacional. O tratamento que a matéria noticiosa confere às obras dos artistas da lista é nulo, contendo-se somente à diferenciação entre veteranos e novos nomes. A banda americana Van Halen figura ao lado da artista brasileira de tecno brega Gaby Amarantos, sem sequer uma única alusão entre as propriedades dos estilos ou suas marcas distintivas. A agenda de lançamentos aparece mais uma vez como pauta relevante, diminuindo a importância do trabalho artístico no tratamento da notícia.

ANEXO E: “Carlinhos Brown grava música com Zezé di Camargo” (13/01/2012) é uma matéria noticiosa e pequena que, com os dados mostrados, chama pouca atenção do leitor para que procure a matéria na íntegra. O fato de Luciano, companheiro de trabalho de Zezé de Camargo, estar na Disney com a família não é relevante, já que o título da matéria deixa claro que Carlinhos gravará com Zezé di Camargo. O jornalista demonstra não ter domínio sobre o assunto, ou seja, mostra que a apuração não lhe trouxe muitas informações, o que ocorre em várias matérias noticiosas. Não se deve esquecer que o objetivo central de uma matéria é levar a novidade ao leitor da maneira mais atrativa possível.

ANEXO F: Quanto à matéria noticiosa “Cantora Etta James morre aos 73 anos” (20/01/2012) cito a colocação de Daniel Piza para ilustrar a presença cada vez mais corrente de um tipo de conteúdo nos cadernos culturais: “E há a questão das efemérides. Os aniversários de nascimento e morte de artistas e escritores importantes costumam estimular o comodismo: é mais fácil preencher páginas com nomes consagrados, resumindo suas vidas e obras.” Foram publicadas várias matérias sobre a morte de famosos, todas elas falando resumidamente sobre a história de cada um, entre outras matérias que noticiavam o estado de saúde das estrelas. Qual é a importância de publicar em um caderno de cultura que o ator Reynaldo Gianecchini está internado e dias depois que se recupera do auto transplante? Isso nada tem a ver com os trabalhos realizados do ator, mas sim com sua vida pessoal. Porém, é mais fácil atrair o leitor com matérias que choquem o leitor do que com aquelas ligadas aos aspectos relacionados à obra do artista.

ANEXO G: Ao analisarmos a matéria noticiosa “Rita Lee anuncia que não fará mais shows”, (22/01/2012) o jornalista conta que a cantora anuncia a aposentadoria durante a apresentação no Circo Voador, no Rio de Janeiro. A matéria não precisaria ser tão grande se não existissem tantas aspas da cantora justificando para seus fãs o porquê de sua decisão. Por mais que a chamada dê espaço para a matéria conter tantas citações – uma vez que Rita Lee “anuncia”, as aspas nem sempre ajudam a elaboração de um conteúdo mais claro. Frases como “Aposentadoria é bom, 67 anos, tá bom”, só guardam relação com o porquê de tal decisão, sendo reforçado mais uma vez um aspecto particular biográfico.

ANEXO H: Outro exemplo disso é a matéria “Madonna lança primeira música do disco “MDNA”, (03/02/2012). Essa matéria se encaixa perfeitamente na tipificação do primeiro “mal” que o jornalista Daniel Piza destaca: o excessivo atrelamento à agenda, ao disco que será lançado e ao domínio dos nomes já bem sucedidos. O jornalista informa o título da nova música da pop star Madonna, *Give Me All Your Luv*, e acrescenta que a cantora retornará ao cenário musical após longa ausência para a gravação de um filme. Outra matéria de gênero noticiosa, que supervaloriza a cantora com frases do tipo, “12º álbum de estúdio da cantora e

sucessor de "Hard Candy", de 2008, que ficou no topo das listas em 37 países". Como o jornalista Felipe Sena ressalta: "as celebridades tornaram-se o pólo de identificação do consumidor - ator- espectador do espetáculo contemporâneo. "São elas que catalizam a atenção e preenchem o imaginário coletivo." (SENA, 2005, p.88).

ANEXO I: A matéria noticiosa "Descontração e reencontros marcam tradicional almoço pré-Oscar", (07/02/2012) é outro exemplo de matéria que chama a atenção dos leitores por supervalorizar famosos. Frases como "Pitt se mostrou igualmente feliz por rever o amigo de longa data" e "o mexicano Demián Bichir ("A Better Life") aterrissou horas antes na cidade californiana e encontrou Clooney e Pitt logo na entrada do salão onde o almoço foi servido" reforçam um ambiente editorial para leitores que eventualmente tenham interesse em saber informações sobre um almoço de estrelas, e não sobre seus trabalhos de atuação. E o que poderíamos encontrar de conteúdo no assunto tratado? Mais uma vez, a citação de Daniel Piza é oportuna para elucidar o caso:

Revistas culturais ou intelectuais já não têm a mesma influência que tinham antes; críticos parecem definir cada vez menos o sucesso ou fracasso de obra ou evento; há na grande imprensa um forte domínio de assuntos como celebridades e um rebaixamento geral dos critérios de avaliação dos produtos. (PIZA. 2003, p. 31).

ANEXO J: A matéria noticiosa "Green Day começa a gravar novo álbum", (15/02/2012) tem a preocupação de informar ao leitor que Billie Joe Armstrong, vocalista da banda, anunciou que o material novo da banda Green Day começou a ser gravado. Entretanto, por ser uma matéria noticiosa, no mínimo deveria conter as respostas das perguntas (o quê, quando, onde, como, por quê, para quê, no qual), como já citado no começo do capítulo. Se assim fosse, além de agradar ao leitor/fã que procura por novidades, passaria a informação completa na forma de uma apuração mais detalhada e bem elaborada.

ANEXO K: A matéria "Laerte vai ao 'Roda Viva' para debater transgeneridade" (20/02/12) é mais um exemplo de matéria noticiosa, que comenta a presença do

entrevistado no Programa Roda Viva da TV Cultura e seus relatos acerca das interdições sofridas por Laerte após um incidente em que foi encontrado em um banheiro de uma pizzaria de São Paulo. Por mais que o cartunista chame a atenção para sua obra pelo apelo à sua opção sexual, tal fato nada tem a ver com sua obra. “... que se veste como mulher há três anos” e “Sou transformista!” são enunciados que adquirem um tom de relevância até maior que as informações sobre o novo projeto do artista, que deverá reunir “quadrinistas brasileiros e estrangeiros, reportagens gráficas e também sobre a história dos quadrinhos”.

ANEXO L: A matéria noticiosa “Tony Tornado resgata soul music brasileira em Recife”, (21/02/2012) traz uma sorte de informações ligadas ao show do ator de 81 anos no palco do festival Rec-Beat, no Carnaval do Recife, menos aquelas ligadas ao resgate da soul music ou de sua expressão nas terras brasileiras, como promete a chamada. “O negão está velho e gordo” e “Depois de uma performance de passinhos ‘moonwalk’ pré-Michael Jackson” parecem ser o ponto alto da notícia, negligenciando a referência aos nomes e à produção desse estilo musical no país.

ANEXO M: “Teló abre turnê européia com músicas de Adele e Roberto Carlos”, (24/02/12) é uma matéria de gênero noticioso, que supervaloriza os nomes e hits já bem sucedidos. O comentário sobre o músico ter dito “quero encher vocês de beijos” ao ver todos da platéia cantando o refrão de sua música “Ai Se Eu Te Pego” em nada retrata aspectos que sintetizam seu trabalho. A grande maioria das matérias publicadas entre os meses analisados do caderno *Ilustrada* está atrelada à agenda dos famosos, porém, mesmo que os assuntos de música sejam convidativos pela simpatia prévia com que são tratados nas chamadas, não justifica o fato do jornalista não envidar esforços opinativos ou de natureza crítica em sua escrita, ao passo em que aumenta o número de informações, aspas ou páginas com conteúdo alheio ao propósito cultural do suplemento. Isso acaba por formar um tipo específico de leitor, que procura se informar sobre um determinado assunto levando em conta um formato mais enxuto e breve de notícias publicadas em portais.

ANEXO N: Já a matéria noticiosa “Michel Teló faz show de quase duas horas em Londres”, (26/02/12) novamente traz o artista para o foco do caderno de cultura,

dando espaço para uma nova matéria sobre outro show do músico. A matéria traz as mesmas informações de que a estrela cantou músicas de Roberto Carlos, "Como é Grande o meu Amor por Você", e a música da britânica Adele "Someone Like You", destaque já feito na matéria do dia (24/02/12). A falta de criatividade foi tanta que a mesma foto foi utilizada para as duas matérias. Qual é o diferencial dessa matéria? Por que utilizar dois dias de publicações com o mesmo assunto? Será que faltam outras atrações para os jornalistas da *Ilustrada* realizarem a devida cobertura?

Tudo depende, no entanto, de ter bons profissionais e estimulá-los a prezar o que fazem estimular sua criatividade e seu rigor, estimulá-los a estudar, viajar, sedimentar idéias. O fundamental no jornalista cultural é que saiba ao mesmo tempo convidar e provocar o leitor. Notando ainda que essas duas ações não raro se tornam a mesma; o leitor que se sente provocado por uma opinião diferente (no conteúdo ou mesmo na formulação) está também convidado a conhecer um repertório novo, a ganhar informação e reflexão sobre um assunto que tendia a encarar de outra forma. (PIZA, 2003, p. 67)

ANEXO O: A última matéria dentre as 15 analisadas foi "Morrissey se diz triste por não ter gravadora" (27/02/2012). A matéria relata como foi a entrevista do astro com o repórter e enche a reportagem com aspas, tornando-a cansativa. Uma matéria razoavelmente grande, também de gênero noticioso, no qual o repórter em sua apuração faz perguntas como: "Você ouve música nova, bandas novas?". É válido ressaltar que é enaltecido, como via de regra nas outras matérias analisadas, o interesse em saber por que a celebridade tem a fama de ser um intocável personagem *cult*, em detrimento de seus planos e motivações que constituem o perfil artístico de sua obra. Existem perguntas mais pertinentes para tal entrevista, e como resalta Piza, "há muitas histórias de entrevistados que mandaram o repórter dar meia-volta ao perceberem que não tinham feito a lição de casa." (PIZA. 2003. p.85).

Abaixo segue a tabela com sistematização das características analisadas em cada matéria.

Matéria	Gênero	Vida ou Obra	Uso excessivo de aspas	Foto relacionada ao tema	Reprodutibilidade de meios
Anexo A	Noticiosa	Obra	Sim	Não	Sim
Anexo B	Noticiosa	Vida	Sim	Não	Sim
Anexo C	Noticiosa	Vida	Não	Não	Sim
Anexo D	Noticiosa	Obra	Não	Não	Sim
Anexo E	Noticiosa	Vida	Não	Sim	Sim
Anexo F	Noticiosa	Vida	Não	Não	Sim
Anexo G	Noticiosa	Vida	Sim	Sim	Sim
Anexo H	Noticiosa	Obra	Não	Sim	Sim
Anexo I	Noticiosa	Vida	Sim	Não	Sim
Anexo J	Noticiosa	Obra	Não	Sim	Sim
Anexo K	Noticiosa	Vida	Sim	Não	Sim
Anexo L	Noticiosa	Vida	Sim	Sim	Sim
Anexo M	Noticiosa	Obra	Não	Sim	Sim
Anexo N	Noticiosa	Obra	Não	Sim	Sim
Anexo O	Noticiosa	Vida	Sim	Não	Sim

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi constatada no corpo deste trabalho a capacidade de predição de aspectos-chave da teoria crítica da Escola de Frankfurt, especialmente os ligados aos conceitos de indústria cultural e reprodutibilidade técnica, sobre o cenário do jornalismo musical no Brasil.

As amostras de matérias sobre música e cultura foram ligeiramente consideradas em sua forma e conteúdo, apenas para avaliar em quais casos ampliou-se a versão sobre a produção da obra de arte para além das versões fatalistas e negativas da tradição marxista ocidental ou, se em sua esmagadora maioria, as informações veiculadas permaneceram tão somente como a concessão de dados superficiais e de crítica escassa. A importância da escolha das matérias da Folha de São Paulo residiu no fato de ser esse um jornal de grande circulação e tiragem, além de abrigar um suplemento cultural de notório vulto.

Como graduanda em Comunicação Social, percebo que o jornalismo musical tem no mais das vezes se pautado em temas alheios à sociologia e à filosofia da arte, campos repletos de ricos debates sobre as artes em geral. Talvez pela linguagem rebarbativa e empolada, os profissionais das grandes redações se esquivam da clareza e da fluência presentes nestas obras que trazem compreensão de temas centrais às suas atividades, ou por guerra ideológica declarada a autores ou escolas de pensamento, ou ainda pelas restrições impostas pelas linhas editoriais às quais não é facultada uma discussão mais aprofundada acerca da produção artística no país e no mundo.

À exceção de alguns artigos de pensadores em cadernos culturais de grande circulação no país, a ampla ausência no jornalismo de uma reflexão que considere a sociologia, a antropologia e a filosofia acaba por construir um hábito de leitura cujos vícios parecem cada dia mais insuperáveis: o leitor espera sempre o mesmo detalhe biográfico embotado acerca das bandas em foco ou alguma mania do astro que valha a larga publicação.

O jornalismo musical, em linhas gerais, parece ter por rotina a caracterização de estilos musicais como movimentos de vanguarda com base em dados biográficos particulares, em distinções subjetivas acerca das feições das letras e de suas inspirações ou, ainda que raramente, em novas estruturas na execução ou no arranjo harmônico da obra. O *novo* e o *velho* são separados por uma linha tênue composta por alguns destes elementos, a exemplo do que se lê em cadernos especializados da mídia impressa e internet, do que se escuta em rádio e na televisão em programas de grande audiência e a intervalos regulares.

As críticas dos marxistas alemães de Frankfurt apontadas para a indústria cultural são amplamente visíveis na divulgação das matérias no jornalismo musical: estas não contribuem para o desenvolvimento da capacidade crítica dos leitores, ou ainda fornecem ao público apenas uma forma de adequação destes à estrutura de produção de bens artísticos voltados exclusivamente para o consumo em larga escala. A “perda da aura”, como diagnosticou Benjamin, encontra abrigo na mera reprodução da obra e do mercado que a divulga, criando um ciclo do qual os consumidores nada esperam senão uma notícia que reforce sensacionalismos e trivialidades. Se a arte possui qualquer capacidade de negação ou transcendência da realidade, esta mesma capacidade foi aniquilada pela massificação propagada pela indústria cultural.

Os grandes veículos, especializados ou não, de divulgação cultural ligados à música ignoram os pressupostos que condicionam e manipulam seu próprio lugar de saber. Assim procedendo, reduzem a complexidade dos processos de constituição da arte a um conjunto de fenômenos no mais das vezes alheios à própria obra, ao passo em que reafirmam integralmente as formas de circulação e de consumo da produção artística. A reprodutibilidade técnica da obra de arte, diagnosticada pelos pensadores marxistas alemães, parece ter criado um ciclo de reprodutibilidade técnica dos meios de comunicação que projetam os bens artísticos.

O jornalismo atual não conhece uma trajetória sobre a estética da música, pois reforça nesta a impressão unívoca que se realiza apenas em sua forma de

reprodução de mercadoria. Nesse sentido, os frankfurtianos são tão atuais quanto o eram há mais de 5 décadas.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. "**O fetichismo na música e a regressão da audição**". São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ADORNO, Theodor W. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. **Número de jornais brasileiros: Número de jornais brasileiros em circulação**. 2012. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/numero-de-jornais-brasileiros/?searchterm=652>> Acesso em: 19 maio 2012

BENJAMIN, Walter. "**A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução**". In: Textos Escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão: "A influência do Jornalismo" (104-117)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

CALDAS, Álvaro. **Deu no Jornal**. São Paulo. Editora PUC – Rio, 2002.

FOLHA DE S.PAULO. **Círculo Folha**. 2012. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_edicao_m.htm>. Acesso em: 19 de maio de 2012.

FOLHA DE S.PAULO. **Ilustrada**. 2012 Disponível em: <<http://www.publicidade.folha.com.br/web/fspCadernollustrada.jsp>>. Acesso em: 19 de maio de 2012

FREITAG, Barbara. **A Teoria Crítica: ontem e hoje**. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HABERMAS, Jürgen. **O Discurso Filosófico da Modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor W. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

HORKHEIMER, Max. **Teoria Crítica I - Uma documentação, v.1**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

LARAIA, ROQUE DE BARROS. **Cultura - um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

MARCUSE, H. "**Sobre o caráter afirmativo da cultura**"(1937) In: **Cultura e psicanálise**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

PRADO, Magaly. **Webjornalismo**. São Paulo. Editora LTC, 2011.

SENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo. Editora Contexto, 2005.

ANEXOS

ANEXO A – “Não saberia viver sem música”

"Não saberia viver sem música", afirma Julio Iglesias

⁴O cantor espanhol Julio Iglesias afirmou em entrevista publicada neste sábado (30) pelo jornal uruguaio "El País" que não se aposentará simplesmente porque "não saberia viver sem a música".

O intérprete, que já vendeu mais de 300 milhões de discos, também falou sobre a experiência de estar gravando seus maiores sucessos em formato digital, algo que considerou "incrível" pela simplicidade e rapidez proporcionada pelas novas tecnologias.

O novo disco será o primeiro de uma série de grandes sucessos e exigiu a tarefa de resgatar seu passado como intérprete, uma experiência que ele afirma ter adorado.

"Se fosse modesto diria uma mentira. Mas a verdade é que adorei. Gostei de dizer que sempre há por que viver, por que lutar. E que o amor não tem idade. São palavras muito simples que cantadas de forma mais ou menos boa foram sucessos universais", disse.

Nesse sentido, Iglesias considerou que só agora se considera "tecnicamente" um cantor e reconheceu certa "vergonha" por alguns de seus discos do passado.

O veterano cantor destacou também que não acredita ser uma pessoa que nasceu para ser artista e lembrou que seu trabalho e seu consequente sucesso foram obra do acaso.



O cantor Julio Iglesias durante show na Espanha, em 2010

⁴ DA EFE: Não saberia viver sem música afirma Julio Iglesias. **FOLHA DE S.PAULO**, São Paulo, 01 jan. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1028476-nao-saberia-viver-sem-musica-afirma-julio-iglesias.shtml>>. Acesso em: 25 maio. 2012.

"Minha circunstância foi um acidente. Eu jogava futebol, mas não era bom, estudava Direito, mas também não gostava, e quando estava internado me deram um violão. Isso movimentou minha vida. Depois fui a um festival e ganhei", contou.

Iglesias também frisou o papel do esforço para alcançar o sucesso, mas evitou criticar os artistas que atualmente só buscam a fama antes de tentar fazer um bom trabalho.

Além disso, o cantor se mostrou orgulhoso pela carreira artística de seu filho Enrique. "Meu filho Julio [Jr.] também me surpreendeu porque fez um programa de televisão na Espanha com o melhor índice de audiência. Pergunto-me se são os meus genes que estão ali", brincou.

Por fim, o músico não escondeu a alegria por ser o artista latino que vende mais discos em uma época na qual os discos parecem em perigo de extinção, apesar de reconhecer que não se importa com a pirataria.

"Não me incomoda que me pirateiem porque assim o disco chega mais barato a quem não tem dinheiro. Sou democrático desde que me pariram. Nasci protestando, em uma cesariana!", concluiu o cantor.

ANEXO B – “Paul McCartney crítica músicos que fazem playback”

Paul McCartney critica músicos que fazem playback

⁵O ex-beatle Paul McCartney criticou músicos que usam playback durante seus shows.

McCartney contou ao tabloide "Sunday Express" que ficou chocado quando seu engenheiro de som Paul Pablo Boothroyd lhe contou que muitos artistas grandes usam playback em seus shows --embora não tenha dito nomes, Boothroyd trabalhou por muito tempo para o AC/DC e os Eurythmics.

"Ficamos felizes que nenhum de nós tem nada a esconder no palco, o que eu sei que algumas pessoas fazem. Me desculpem, não direi nomes", falou McCartney. "Quando nós cometemos algum erro em um show, sempre dizemos que é isso que prova que estamos fazendo tudo ao vivo."

McCartney deve lançar um disco novo no mês que vem (segundo boatos, ele deve se chamar "Kisses On The Bottom"). O primeiro single do álbum é "My Valentine", um dueto com Eric Clapton.

Leon Neal - 9.out.11/France Presse



O músico Paul McCartney em seu casamento com Nancy Shevell em outubro passado

⁵ FOLHA DE S. PAULO: Paul McCartney critica músicos que fazem playback. FOLHA DE S.PAULO, São Paulo, 02 jan. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1028968-paul-mccartney-critica-musicos-que-fazem-playback.shtml>>. Acesso em: 25 maio. 2012.

ANEXO C – “Snoop Dogg é preso por posse de maconha”

Snoop Dogg é preso por posse de maconha

⁶O rapper Snoop Dogg foi preso com maconha neste fim de semana, de acordo com o site "TMZ".

A prisão aconteceu no Texas, quando policiais com cães farejadores encontraram maconha no ônibus de turnê do músico.

Snoop Dogg foi parado em Sierra Blanca, cidadezinha em que outro músico, Willie Nelson, já havia sido preso com maconha em 2010.

De acordo com o "TMZ", Snoop confessou aos policiais que a maconha pertencia a ele --ele alegou ainda que possui licença médica na Califórnia para a droga; no Texas, porém, não há tolerância para consumo de maconha.

Snoop Dogg foi fichado e liberado. No entanto, ele vai ser investigado e, caso seja considerado culpado, pode ser condenado a passar 180 dias na cadeia.

Eduardo Anizelli/Folhapress



O rapper Snoop Dogg em show no festival SWU, em Paulínia, no ano passado

⁶ FOLHA DE S. PAULO: Snoop Dogg é preso por posse de maconha. **FOLHA DE S.PAULO**. São Paulo, 09 jan. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1031921-snoop-dogg-e-presos-por-posse-de-maconha.shtml>>. Acesso em: 25 maio. 2012

ANEXO D – “Discos mais esperados do ano têm grifes veteranas”

Discos mais esperados do ano têm grifes veteranas

⁷A expectativa em relação a novos álbuns dessa temporada, principalmente no mercado internacional, acaba se concentrando em nomes veteranos, como Madonna e U2.

É o que informa reportagem de Marcus Preto e Thales de Menezes na **Folha** desta terça-feira. A íntegra está disponível para assinantes do jornal e do UOL, empresa controlada pelo Grupo Folha, que edita a **Folha**.

Dois pesos-pesados de gerações diferentes também lançam álbuns. Todos querem ver a pegada dançante prometida pelo U2 em um disco cheio de produtores convidados. Mas "Kisses on the Bottom", de Paul McCartney, aponta para mais do mesmo.

Arte/Folhapress

O QUE VEM POR AÍ

Discos imperdíveis que serão lançados neste ano

INTERNACIONAIS

Madonna

A mãe de todas as cantoras lança "LUV" no dia 27 de março. "Gimme All Your Luvin", incompleta, "vazou" na internet

No Doubt

Gwen Stefani até se deu bem sozinha, mas resolveu voltar a gravar com seu grupo, 11 anos depois. Chega ainda neste semestre

U2

A banda gravou com um "dream team" de produtores: Danger Mouse, RedOne, David Guetta e will.i.am. O som será dançante

Van Halen

"A Different Kind of Touch" sai no dia 7 de fevereiro, 14 anos depois do disco anterior, com David Lee Roth de volta ao vocais

NACIONAIS

Caetano Veloso

O terceiro álbum com a banda Cê, com quem fez os discos "Cê" e "Zii e Zie", terá o violão como espinha dorsal. Pode ser "Acústico MTV"

Rita Lee

Coprodução de Roberto de Carvalho com Apollo 9, "Zyzyx" traz músicas que lembram tropicália. Igor Cavaleira e João Parahyba participam



Gaby Amarantos

A musa do tecnobrega junta batida eletrônica da música de Belém do Pará com instrumentação "ao vivo". Femanda Takai canta

Rodrigo Amarante

O primeiro álbum solo está sendo gravado em Los Angeles, sob sigilo absoluto. Participação de Devendra Banhart é tida como certa



Nicki Minaj

Se ela repetir a mistura de pop e hip-hop do primeiro álbum, "Pink Friday: Roman Reloaded" emplaca. Nas lojas em 14 de fevereiro

⁷ MENEZES, T, PRETO, M: Discos mais esperados do ano têm grifes veteranas. **FOLHA DE S.PAULO**, São Paulo, 11 jan. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1032607-discos-mais-esperados-do-ano-tem-grifes-veteranas.shtml>>. Acesso em: 25 maio. 2012.

O No Doubt, da loira Gwen Stefani, se reúne depois de 11 anos e resgata o ska pop. Na volta do Van Halen, 14 anos após o último álbum, o vocalista original David Lee Roth canta com a família Van Halen: os irmãos Eddie (guitarra) e Alex (bateria), com o baixo nas mãos de Wolfgang, filho de Eddie. É o "two and a half men" do rock.

E duas vocalistas de primeira linha voltam à frente de seus grupos: Shirley Manson, com o Garbage, e Beth Gibbons, no Portishead.

ANEXO E – “Carlinhos Brown grava música com Zezé di Camargo”

Carlinhos Brown grava música com Zezé di Camargo

⁸Carlinhos Brown fez uma música para cantar com Zezé Di Camargo na gravação do DVD dos 20 anos da Timbalada.

A informação é da coluna de Mônica Bergamo, publicada na **Folha** desta sexta-feira (a íntegra está disponível para assinantes do jornal e do UOL, empresa controlada pelo Grupo Folha, que edita a **Folha**).

O sertanejo deve ir no dia 5 de fevereiro a Salvador para o dueto --Luciano, que estará com a família na Disney, não participará.

Divulgação/Folhapress



Carlinhos Brown gravará música com Zezé di Camargo

⁸ FOLHA DE S. PAULO: Carlinhos Brown grava música com Zezé di Camargo. **FOLHA DE S.PAULO**. São Paulo, 13 jan. 2012. Disponível em:< <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1033484-carlinhos-brown-grava-musica-com-zeze-di-camargo.shtml>>. Acesso em: 25 maio.2012.

ANEXO F – “Cantora Etta James morre aos 73 anos”

Cantora Etta James morre aos 73 anos

⁹A cantora Etta James morreu nesta sexta-feira aos 73 anos, informou à CNN o seu empresário, Lupe De Leon. A cantora tinha leucemia, hepatite e demência.

Em dezembro, os médicos da cantora revelaram que ela estava em estágio terminal de leucemia. Ela foi internada no mesmo mês, mas recebeu alta no início de janeiro.

Segundo De Leon, a cantora morreu em um hospital na Califórnia ao lado do marido, Artis Mills, e seus dois filhos, Donto e Sametto James.

James foi uma figura importante nos primórdios do R&B, com canções de sucesso como "The Wallflower" e "Good Rockin' Daddy". Mas "At Last", gravada em 1961, foi seu grande marco.

Fred Prouser/Reuters



Cantora Etta James durante apresentação nos Estados Unidos em junho de 2004

⁹ FOLHA DE S. PAULO: Cantora Etta James morre aos 73 anos. **FOLHA DE S.PAULO**. São Paulo, 20 jan. 2012. Disponível em:< <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1037180-cantora-etta-james-morre-aos-73-anos.shtml>>. Acesso em: 25 maio.2012.

VIDA

Etta James nasceu Jamesetta Hawkins em no dia 25 de janeiro de 1938 e começou a cantar aos cinco anos, em uma igreja próxima à sua casa.

Ela ficou famosa durante os anos 1950 e 1960, quando começou a cantar blues e R&B. Uma de suas músicas mais conhecidas é a versão de "At Last", de Mack Gordon e Harry Warren.

Aos 14 anos, Etta formou um grupo de doo-wop chamado The Peaches, que alcançou os primeiros lugares das paradas de sucesso com os hits "The Wallflower (Dance with Me, Henry)" e "Good Rockin' Daddy".

Na década de 1960, ela lançou dois de seus melhores discos, "At Last!" e "The Second Time Around", pela gravadora Argo Records.

Nos anos 1970, a cantora lutou contra o vício em heroína, que conseguiu largar em 1974, reconstruindo aos poucos sua carreira.

Em 1989, ela lançou o disco "Seven Year Itch", após passar alguns anos esquecida, e conseguiu chamar a atenção da indústria novamente, tendo recebido vários prêmios Grammy.

Etta continuou gravando e se apresentando até os anos 2000, lançando mais de 30 álbuns ao longo de sua carreira.

A revista "Rolling Stone" elegeu Etta uma das 100 melhores cantoras da história (ela ocupa a posição 22) e um dos 100 melhores artistas (na posição 62).

Até hoje, a cantora já ganhou seis Grammy e 17 prêmios Blues Music. Ela entrou para o Hall da Fama do Rock n' Roll em 1993 e para o Hall da Fama do blues em 2001.

ANEXO G – “Rita Lee anuncia que não fará mais shows”

Rita Lee anuncia que não fará mais shows

¹⁰A cantora Rita Lee anunciou neste sábado que não vai mais fazer shows. A "aposentadoria" foi revelada durante uma apresentação no Circo Voador, no Rio, e confirmada pela cantora em seu perfil no Twitter.

"Aposento-me de shows, da música nunca. Quem me viu ontem pode bem atestar minha fragilidade física. Saio de cena absolutamente apaixonadacocês", escreveu no microblog.

Um vídeo postado no YouTube mostra a cantora anunciando sua aposentadoria durante apresentação deste sábado.

"Eu queria falar uma coisinha. Esse é o penúltimo show, mas eu considero o último. O último da turnê e eu vou aposentar dos palcos", disse.

"Aposentadoria é bom, 67 anos, tá bom", completou, emocionada. A cantora tem 64 anos.

Segundo a agenda no site oficial, o último show de Rita Lee acontece no próximo sábado em Aracaju.

Em 2009, a cantora foi submetida a uma cirurgia de hérnia de disco. Em abril de 2011, Rita passou por São Paulo como atração de abertura da Virada Cultural.

Seu último álbum de músicas inéditas, "Balacobaco", foi lançado em 2003. Depois dele, Rita lançou dois trabalhos ao vivo: "MTV ao vivo" (2004) e "Multishow ao vivo" (2009).

¹⁰ FOLHA DE S. PAULO: Rita Lee anuncia que não fará mais shows. **FOLHA DE S.PAULO**. São Paulo, 22 jan. 2012. Disponível em:< <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1037880-rita-lee-anuncia-que-nao-fara-mais-shows.shtml>>. Acesso em: 25 maio. 2012.

ANEXO H – “Madonna lança primeira música do disco “MDNA”

Madonna lança primeira música do disco "MDNA"

¹¹A cantora Madonna, 53, lançou nesta sexta-feira (3) "Give Me All Your Luvn", primeiro single e clipe de seu novo disco, "MDNA".

Parceria com Nicki Minaj e M.I.A., a música foi composta por Martin Solveig e Michael Tordjman, e marca a volta de Madonna ao cenário musical. Nos últimos anos, ela manteve-se concentrada em seu novo filme, "W.E."

"MDNA", que será lançado em 26 de março, será o 12º álbum de estúdio da cantora e sucessor de "Hard Candy", de 2008, que ficou no topo das listas em 37 países. O disco foi gravado em Nova York e Los Angeles, com coprodução de William Orbit.

Daqui a dois dias, a cantora fará uma apresentação no intervalo do SuperBowl, a decisão da liga de futebol americano dos EUA.



Capa de "MDNA", o novo álbum da cantora Madonna

¹¹ FOLHA DE S. PAULO: Madonna lança primeira música do disco “MDNA”. FOLHA DE S.PAULO. São Paulo, 03 fev. 2012. Disponível em:< <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1043504-madonna-lanca-primeira-musica-do-disco-mdna.shtml>>. Acesso em: 25 maio.2012.

ANEXO I – “Descontração e reencontros marcam tradicional almoço pré-Oscar”

Descontração e reencontros marcam tradicional almoço pré-Oscar

¹²Grandes estrelas de Hollywood participaram nesta segunda-feira em Los Angeles do tradicional almoço dos indicados ao Oscar em um ambiente marcado por reencontros e pela descontração.

Cerca de 150 convidados compareceram ao hotel Beverly Hilton, no luxuoso bairro de Beverly Hills, onde os artistas não foram incomodados pelos jornalistas.

"As pessoas em casa pensam que nós nos vemos frequentemente, mas a verdade é que não via Brad (Pitt) há um ano", disse George Clooney em entrevista prévia ao almoço.

Joe Klamar/France Presse



George Clooney e Brad Pitt se encontram em evento especial dos indicados ao Oscar em Los Angeles

Ao lado de Jonah Hill, seu colega de elenco em "O Homem que Mudou o Jogo", Pitt se mostrou igualmente feliz por rever o amigo de longa data.

¹² DA EFE: Descontração e reencontros marcam tradicional almoço pré- Oscar. **FOLHA DE S.PAULO**. São Paulo, 07 fev. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1045072-descontracao-e-reencontros-marcam-tradicional-almoco-pre-oscar.shtml>>. Acesso em: 25 maio.2012.

Indicado pela primeira vez ao Oscar, o mexicano Demián Bichir ("A Better Life"), aterrissou horas antes na cidade californiana e encontrou Clooney e Pitt logo na entrada do salão onde o almoço foi servido.

"É raro, bizarro, e isso torna a experiência muito emocionante e estranha", avaliou Bichir, que conversou com os famosos galãs de Hollywood sobre "brincadeiras e tolices".

Bichir disputa o Oscar de melhor ator com Pitt ("O Homem que Mudou o Jogo"), Clooney ("Os Descendentes"), o francês Jean Dujardin ("O Artista") e o britânico Gary Oldman ("O Espião que Sabia Demais").

Já a atriz francesa nascida na Argentina Bérénice Bejo disse que "todos estão muito emocionados" no país sul-americano por sua nomeação, apesar de ela guardar poucas lembranças de sua vida em Buenos Aires.

Mesmo candidata à estatueta pela primeira vez - Bérénice concorre a melhor atriz coadjuvante -, a francesa assegurou estar tranquila sobre a premiação.

Ao almoço dos indicados compareceram, entre outros, Glenn Close, Viola Davis, Michelle Williams, Jean Dujardin e Nick Nolte.

A cerimônia da 84ª edição do Oscar acontecerá no Teatro Kodak (Los Angeles) em 26 de fevereiro.

ANEXO J – “Green Day começa a gravar novo álbum”

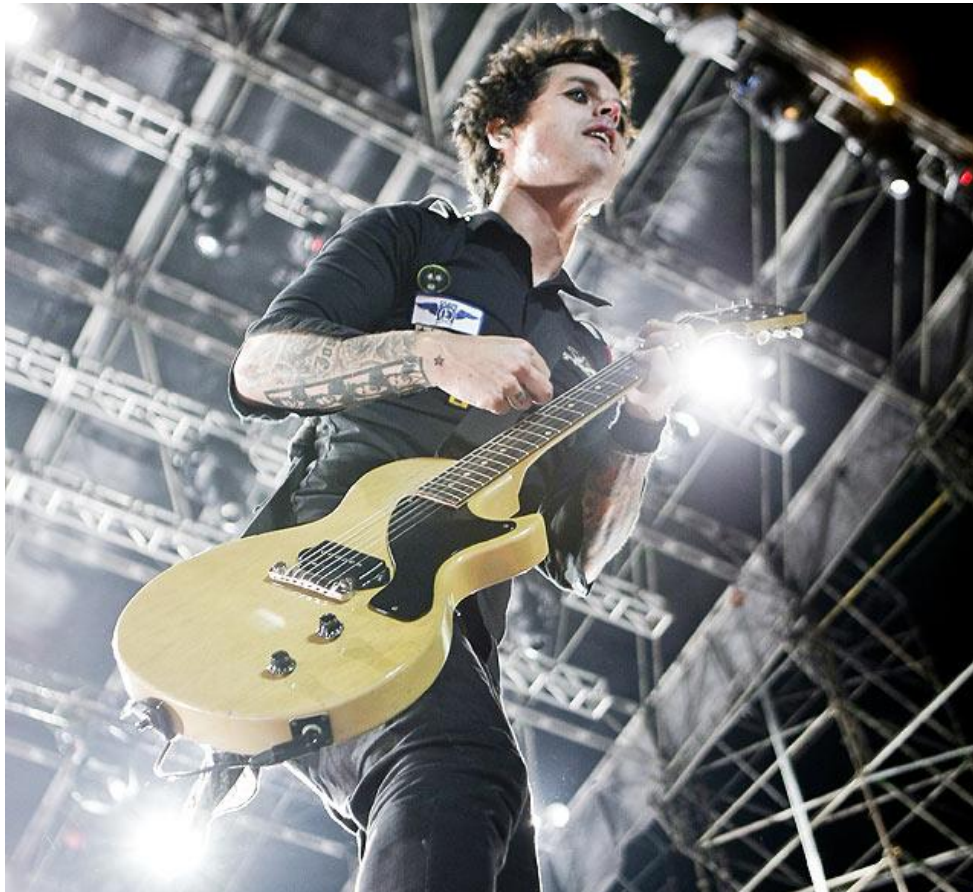
Green Day começa a gravar novo álbum

¹³O vocalista da banda Green Day, Billie Joe Armstrong, anunciou no Twitter que a banda entrou em estúdio para começar a gravar um novo álbum.

Os músicos já disseram que seu novo disco, o nono do grupo, será mais simples e diferente dos dois últimos: "American Idiot" e "21st Century Breakdown".

Em novembro do ano passado, o Green Day estreou sua nova faixa "Carpe Diem" durante um show em San Francisco. O último lançamento da banda foi um álbum ao vivo chamado "Awesome As Fuck", em 2011.

Adriano Vizoni-20.out.2010/Folhapress



Billy Joe, vocalista da banda Green Day, durante show na Arena Anhembi, em São Paulo, em 2010

¹³ FOLHA DE S. PAULO: Descontração e reencontros marcam tradicional almoço pré- Oscar. **FOLHA DE S.PAULO**. São Paulo, 15 fev. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1049121-green-day-comeca-a-gravar-novo-album.shtml>>. Acesso em: 25 maio.2012

ANEXO K – “Laerte vai ao 'Roda Viva' para debater transgeneridade”

Laerte vai ao 'Roda Viva' para debater transgeneridade

¹⁴O cartunista da **Folha** Laerte é o entrevistado do "Roda Viva" que vai ao ar hoje, às 22h, pela TV Cultura.

O programa foi gravado na última terça-feira em São Paulo.

"Há uma conexão possível -involuntária e bem-humorada- entre a minha participação e a segunda-feira de Carnaval, época em que a transgeneridade é aceita mais abertamente", disse ele, que se veste como mulher há três anos.

Laerte foi sabatinado pela escritora Milly Lacombe, pelo professor Paulo Ramos, pela psicanalista Anna Verônica Mautner e pelos cartunistas Caco Galhardo e Angeli, que também publicam tirinhas na "Ilustrada".

Boa parte da conversa orbitou em torno do incidente recente em que o cartunista Laerte foi censurado, pela cliente de uma pizzaria em São Paulo, por ter usado o banheiro feminino.

O assunto tomou ares de polêmica depois que ele o abordou nas redes sociais e buscou esclarecimentos junto à Secretaria de Justiça do Estado.

"Não tenho interesse em processar o estabelecimento. A mim me interessa mais o debate sobre preconceito; com argumentos, sem agressividade", esclarece.

Divulgação

¹⁴ LEVINO, R: Laerte vai ao 'Roda Viva' para debater transgeneridade. **FOLHA DE S.PAULO**. São Paulo, 20 fev. 2012. Disponível em:< <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1051252-laerte-vai-ao-roda-viva-para-debater-transgeneridade.shtml>>. Acesso em: 25 maio.2012.



Reprodução de tirinha de 1989 da revista "Los 3 Amigos" com o personagem Laertón

PÂNICO

Segundo ele, "há um pânico trabalhado pela direita no Brasil" em torno das questões de sexualidade.

"Um medo infundado e infantil de uma 'revolução gay' que estaria em curso e vai colocar os heterossexuais em guetos. Isso é ridículo", opina ele, que continua usando banheiros masculinos e femininos. "Aleatoriamente", diz.

O modo incansável como tem se disposto ao debate, de acordo com ele, se deve ao processo lento e doloroso que o levou a assumir uma nova identidade.

"Ninguém foi mais duro comigo do que eu mesmo até me tornar assim", contou ele, que, em uma história publicada em 1989 na revista "Los 3 Amigos", parceria dele com Angeli e Glauco (1957-2010), aparecia como "Laertón".

E justificava: "Sou transformista!".

"Laertón era um alter ego. A questão da transgeneridade já existia potencialmente em mim nessa época, digamos assim."

NOVO PROJETO

Outro assunto mencionado no programa de entrevistas foi o projeto de uma nova revista de quadrinhos, em parceria com Angeli.

"Desde o fim da revista 'Chiclete com Banana', acalentamos o sonho de uma publicação que reúna quadrinistas brasileiros e estrangeiros, reportagens

gráficas e também sobre a história dos quadrinhos. Mas ainda é um projeto", contou.

*NA TV *

Roda Viva

Entrevista com o cartunista Laerte Coutinho

QUANDO hoje, às 22h, na TV Cultura

CLASSIFICAÇÃO não informada

ANEXO L – “Tony Tornado resgata soul music brasileira em Recife”

Tony Tornado resgata soul music brasileira em Recife

¹⁵Ele já cantou como Tony Checker, sacodi boates cariocas como Johnny Bradford e defendeu a viúva Porcina (Regina Duarte) na pele do capanga Rodésio da novela "Roque Santeiro" (1986), hoje reprisada pelo canal Viva.

Mas, na noite de anteontem, no palco do festival Rec-Beat, no Carnaval do Recife, Tony Tornado foi soul man.

Aos 81 anos, o cantor e ator mostrou estar em ótima forma. Cantou, deslizou e rodopiou ao som de clássicos da música soul e do funk --ritmos que ajudou a introduzir na música brasileira no início dos anos 1970.

Acompanhado pela banda Groovadelics, Tornado encarnou sua versão James Brown brasileiro e relembrou hits da década de ouro dos então chamados "nightclubs". Entre eles, "I Feel Good", "Soul Negro" e "BR-3", canção com a qual venceu, ao lado do Trio Ternura, a fase brasileira do 5º Festival Internacional da Canção de 1970.

"O negão está velho e gordo", brincou com o público, antes de chamar ao microfone seu filho, Lincoln Tornado, de voz menos grave e repertório voltado a uma mistura de samba e soul. "Ele é o cara", exagerou o pai. "Preciso fazer o meu marketing", admitiu.

Depois de uma performance de passinhos "moon walk" pré-Michael Jackson, Tony Tornado se despediu da plateia de cerca de 20 mil pessoas, que dançou e pulou por mais de uma hora de show, com três covers de Tim Maia: "Não Quero Dinheiro", "Primavera" e "Azul da Cor do Mar". E, cansado, voltou para o hotel, onde, nem Rodésio nem Checker nem Tornado, é Antônio Viana Gomes.



Atração do festival Rec-Beat, Tony Tornado resgata soul music brasileira

¹⁵ MENA, F: Tony Tornado resgata soul music brasileira em Recife. **FOLHA DE S.PAULO**. São Paulo, 21 fev. 2012. Disponível em:< <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1051301-tony-tornado-resgata-soul-music-brasileira-em-recife.shtml>>. Acesso em: 25 maio.2012.

ANEXO M – “Teló abre turnê europeia com músicas de Adele e Roberto Carlos”

Teló abre turnê europeia com músicas de Adele e Roberto Carlos

¹⁶Na abertura de sua turnê europeia, na noite desta sexta-feira (24), em Lisboa (Portugal), o músico paranaense Michel Teló cantou "Someone Like You", sucesso da britânica Adele, e "Como É Grande o Meu Amor Por Você"

O hit "Ai Se Eu Te Pego" foi cantando por Teló enrolado na bandeira brasileira.

Ao ouvir o coro do público, o músico elogiou: "quero encher vocês de beijos".

Teló foi tratado pelos jornais portugueses como a "mais nova coqueluche brasileira".

Francisco Cepeda-16.fev.2012/AgNews



O cantor Michel Teló

Veja a agenda de shows de Michel Teló na Europa:

24 de fevereiro - Lisboa
 25 de fevereiro - Guimarães
 26 de fevereiro - Londres
 1º de março - Luxemburgo
 2 de março - Madri
 3 de março - Barcelona

¹⁶ FOLHA DE S. PAULO: Teló abre turnê europeia com músicas de Adele e Roberto Carlos. **FOLHA DE S.PAULO**. São Paulo, 24 fev. 2012. Disponível em:< <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1053394-telo-abre-turne-europeia-com-musicas-de-adele-e-roberto-carlos.shtml>>. Acesso em: 25 maio.2012

4 de março - Murcia
6 de março - Zurique
8 de março - Amsterdam
11 de março - Roma

ANEXO N – “Michel Teló faz show de quase duas horas em Londres”

Michel Teló faz show de quase duas horas em Londres

¹⁷Michel Teló se apresentou na noite deste domingo em Londres, como parte de sua turnê internacional. Na cidade, contudo, sua plateia era formada majoritariamente por brasileiros.

O cantor divertiu o público nacional por quase duas horas, usando seus maiores hits, "Fugidinha" e "Ai, se eu te pego", modas sertanejas clássicas ("Boate Azul", "Telefone Mudo" "60 Dias Apaixonado") e composições de Roberto Carlos ("Como é Grande o meu Amor por Você") e até mesmo da britânica Adele ("Someone Like You").

Teló deixou a versão em inglês de "Ai se eu te Pego" para encerrar o show. "If I Catch You", entretanto, durou apenas os primeiros versos até voltar para o português. O cantor em diversos momentos adaptou suas canções para fazer referências a Londres e a Inglaterra.

Na música de abertura, por exemplo, "Ei! Puiu, Beijo me Liga", em vez de "te encontro na saída", Teló cantava "te encontro na Inglaterra".

O cantor se disse emocionado com a primeira apresentação em Londres. Ao fim de "Ai, se eu te pego", um sutiã foi jogado ao palco. Teló brincou: "Pro Wando, jogavam calcinha".

No trecho final de seu show, o cantor mudou de ritmo, usando músicas eletrônicas, kuduro e gospel ("Faz um milagre em mim").

Jogadores brasileiros de futebol que atuam em clubes londrinos estavam presentes no show, como o zagueiro David Luiz e o meio-campista Ramires, do Chelsea, e o lateral André Santos, do Arsenal.

Teló credita parte do sucesso internacional de sua carreira - o novo DVD será lançado em ao menos 30 países- às comemorações de jogadores de futebol, que usavam sua música "Ai, se eu te pego" para celebrar seus gols e a tornaram ainda mais popular.

Depois de Portugal e Reino Unido, o cantor se apresentará em Luxemburgo, Suíça, Espanha, Itália e Holanda.

¹⁷ RUSSO, R: Michel Teló faz show de quase duas horas em Londres. **FOLHA DE S.PAULO**. São Paulo, 26 fev. 2012. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1053839-michel-telo-faz-show-de-quase-duas-horas-em-londres.shtml>>. Acesso em: 25 maio.2012



O cantor Michel Teló

Veja a agenda de shows de Michel Teló na Europa:

- 24 de fevereiro - Lisboa
- 25 de fevereiro - Guimarães
- 26 de fevereiro - Londres
- 1º de março - Luxemburgo
- 2 de março - Madri
- 3 de março - Barcelona
- 4 de março - Murcia
- 6 de março - Zurique
- 8 de março - Amsterdam
- 11 de março - Roma

ANEXO O – “Morrissey se diz triste por não ter gravadora”

Morrissey se diz triste por não ter gravadora

¹⁸Na primeira e única ocasião em que estive no Brasil para shows, em 2000, o cantor britânico Morrissey concedeu entrevista à **Folha** em um hotel em Curitiba.

Embora repórter e artista estivessem no mesmo lugar, Morrissey não quis descer do quarto, e a entrevista foi por telefone. Ele na cama, eu no saguão, numa conversa via ramal interno. "Desculpe-me. Acordei agora e não estou com uma aparência digna de oferecer às pessoas. Vou poupá-lo", disse ele, numa justificativa à la Morrissey.

Doze anos depois, o cantor volta ao país para três novas apresentações, desta vez em Belo Horizonte, Rio e São Paulo, respectivamente nos dias 7, 9 e 11 de março. E aceitou dar nova entrevista.

"Mas tem que ser por e-mail, no máximo quatro perguntas e nada de falar sobre os Smiths", veio o aviso.

Morrissey --poeta pop e vocalista singular que um dia liderou o fundamental The Smiths, nos anos 80, e montou uma sólida carreira solo na virada para os anos 90, levando, para onde quer que vá, um verdadeiro séquito de adoradores que se mantém até hoje-- continua o mesmo.

O que mudou foi a música em torno dele. Com um disco pronto desde o ano passado, Morrissey não tem gravadora disposta a lançá-lo, mesmo lotando shows em qualquer parte do planeta.

Sobre isso, sobre a indústria musical em geral e sobre o Brasil, o senhor Morrissey, quase 53 anos, tem quatro respostas a dar.

¹⁸ RIBEIRO, L: Morrissey se diz triste por não ter gravadora. **FOLHA DE S.PAULO**. São Paulo, 27 fev. 2012. Disponível em:< <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1053907-morrissey-se-diz-triste-por-nao-ter-gravadora.shtml>>. Acesso em: 25 maio.2012

Mark Allan - 24.jun.2011/Associated Press



Morrissey durante show no festival Glastonbury, na Inglaterra; o músico se apresenta em SP em 11/3

Folha - Existe algo especial em voltar ao Brasil neste momento de sua carreira? Lembra-se dos shows de 2000?

Morrissey - Fiquei surpreso em saber que vendi tantos ingressos para esta turnê no Brasil. E fiquei completamente perplexo com a repercussão da última vez em que estive no país. Você sabe o quanto os EUA e a Inglaterra acham que são o centro do mundo. Então, é difícil saber como as coisas são no Brasil.

Eu me dou bem nos EUA e na Europa, mas meu alcance na mídia lá é quase sempre invisível. Então, fica implícito que todo grande sucesso vem das pessoas de quem você ouve falar... O que não é o meu caso! Acho que sou confuso demais ou muito provocador para a mídia lidar comigo, porque eu não sou uma pessoa"! simples. Então, é sempre uma surpresa.

Baseado na grande repercussão que foi o anúncio de seus shows, a impressão que temos é que, no Brasil, você ainda mantém um intocável status de artista cult, mesmo entre o público mais jovem. Acredita que isso é fruto da internet?

Não sei ao certo o que significa ser cult. Sempre achei que significasse que poucas pessoas se interessam por você. Há muito tempo me chamam de "artista cult" e "indie", mas nenhum desses termos é verdadeiro. Eu simplesmente não sou uma puta da mídia, que faz qualquer coisa para

aparecer. Acho que todo mundo está deprimido com essa nova era da música porque parece que ela só se interessa por músicas sem sentido.

Em todo o lugar que você vá, ouvirá músicas inexpressivas --tocam techno-dance em todas as lojas de departamentos, lojas de sapatos e elevadores, porque ninguém está realmente ouvindo aquilo. Você nunca vai ouvir uma canção com conteúdo social num salão de beleza ou na TV.

Se você perguntar a uma vendedora de loja como ela consegue ouvir aquela música alta o dia todo, ela vai sempre responder: "Ah, eu me desligo". É assim a música moderna. Você não tem a permissão de escolher a canção que quer escutar. Você é bombardeado na cabeça com música que outros escolhem para você ouvir. E assim ela se torna insignificante.

Como faz para manter a sua carreira viva sem um contrato com um selo para lançar um CD e vivendo na era do download gratuito? Ainda se sente relevante para a música?

Eu me sinto triste porque nenhuma gravadora quer assinar comigo. Isso diz muito sobre a indústria da música nos dias de hoje. Ela está efetivamente morta agora.

Não é que ela esteja morrendo: já morreu! As gravadoras a mataram ao bagunçar as paradas de sucesso e por assinarem contratos com moleques de 15 anos que ficariam emocionados em fazer tudo isso sem um contrato.

Sigo porque gosto de cantar e, até o momento, tenho um público que quer minhas músicas. Mas minhas razões para continuar não significam nada para as gravadoras.

Você ouve música nova, bandas novas?

Acabo ouvindo de tudo, mas a maioria dos novos artistas matam a música. E a imprensa musical --o que sobrou dela!-- vai sempre "hypar" seus amigos, escrever sobre os amigos e inventar premiações para os amigos, mês sim, mês não. Mas, no fundo, acho que não existe uma só pessoa neste planeta que ache que haja esperança para a música moderna.

SERVIÇO

BELO HORIZONTE

QUANDO 7 de março

ONDE Chevrolet Hall

QUANTO R\$ 160 e R\$ 280

RIO DE JANEIRO

QUANDO 9 de março

ONDE Fundação Progresso

QUANTO R\$ 420

SÃO PAULO

QUANDO 11 de março (esgotado)

ONDE Espaço das Américas